

LUTO VIRTUAL: o processo de elaboração do luto no ciberespaço*

VIRTUAL MOURNING: the process of elaboration of mourning in cyberspace

LUTO VIRTUAL: el proceso de elaboración del luto en el ciberespacio

Wildoberto Batista Gurgel
 Maria Júlia Kovács
 Elba Gomide Mochel
 Cedric Tempel Nakasu
 Paula Karine Portela Portugal

Resumo: Análise do processo de luto que usa o mundo virtual para manifestação do emocional. Compreende-se que o mundo virtual tem se tornado um espaço de demanda espontânea e privilegiado para a manifestação do luto, o que entra em contraste com os hábitos cotidianos nos quais a manifestação do luto é cada vez mais relegada ao privado, rápido e superficial. Saber quais as manifestações de luto presentes nesse espaço é o objetivo desta pesquisa, que elegeu como método o esquematismo kantiano e como material os casos expostos em sites da internet. Verificaram-se os tipos de mensagens colocadas nesses sites, a interação existente entre internautas, bem como o sentido e o significado das suas falas com relação à elaboração do processo de luto. Não se trata de uma nova forma de luto, mas de um novo espaço no qual o luto passa a ser publicizado, típico das sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Luto Virtual. Morte Virtual. Ciberespaço.

Abstract: This study is an analysis of the mourning process that uses the web for manifestation of emotions. It is understood that the virtual world has become a space for spontaneous request and it is privileged for mourning manifestation, what contrasts with everyday customs in which mourning manifestation is considered part of one's private life, fast and superficial. The objective of this research is to know which mourning manifestations are presented in that space. The selected method was the Kantian schematic research and as focus of this analysis cases posted on websites, interaction between web users, as well as the sense and meaning of the their speech with regards to the presentation of the mourning process. The conclusion is that this is not a new form of mourning, but rather a new space in which mourning is publicized, typical of contemporaneous societies.

Keywords: Virtual Mourning. Virtual Death. Cyberspace.

Resumen: Análisis del proceso de luto que utiliza el mundo virtual para manifestación emocional. Se entiende que el mundo virtual se ha convertido en un espacio de demanda espontánea y privilegiado para la manifestación de luto, lo que estaría en contradicción con los hábitos cotidianos en que cada vez más la manifestación de luto es relegada a lo rápido, privado y superficial. Conocer las señales de luto en este espacio es el objetivo de esta investigación. Se eligió como método lo esquematismo kantiano y como material los casos expuestos en los sitios de web. Se analizó los tipos de mensajes publicados en estos sitios, la interacción entre los usuarios de Internet, así como el sentido y significado de sus líneas con respecto a la preparación del proceso de luto. Esto no es una nueva forma de luto, sino un nuevo espacio en que el dolor se convierte en publicization, típico de las sociedades contemporâneas.

Palabras clave: Luto virtual. Muerte virtual. Ciberespacio

1 INTRODUÇÃO

Sem levar em conta as teorias existenciais e as visões mais filosóficas, a morte é um processo natural com o qual todo ser vivo vai se deparar algum dia. Essa certeza pode despertar sentimentos ambivalentes e confusos, tais como raiva, dor, fuga, esquiva, negação, aceitação, indiferença e incompreensão, tanto por

parte daqueles que estão a morrer, quanto por parte dos que sobrevivem. Todos esses sentimentos, quando são despertados, podem resultar em uma experiência afetiva denominada por Bowlby (2004, p.4) de *perda*, cuja reação é aquilo que Freud (1976, p.262) chamou de *processo de luto*.

Se a *perda* é compreendida, a partir das teorias de Bowlby (2004, p.4-12), como uma experiência afetiva e comum aos seres grupais,

* Artigo recebido em janeiro 2011
 Aprovado em março 2011

a reação a essa experiência, o *processo de luto*, pode ser compreendido como uma forma complexa, interativa e historicamente situada de vivenciá-la. Isso significa que a maneira como reagimos às *perdas* sofre influências, diretas e indiretas, da época, do lugar social, religioso, cultural, econômico e da sociedade em que vivemos. O *processo de luto*, portanto, não é vivenciado da mesma forma em todas as sociedades, épocas, culturas e indivíduos. Ele sofre modificações à medida que os anos passam, as sociedades mudam e novas formas de relacionamentos aparecem.

A chamada *Era da Computação Ubíqua*, nas palavras de Weiser (1993, p.71-73), modificou comportamentos, valores e costumes, gerando o que Lévy (1999) denominou de *cibercultura*, entendida, na ótica de Lemos e Cunha (2003, p.12), como a “[...] cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais”. Em virtude disso, vários hábitos estão mudando e novas habilidades estão sendo construídas. Raras são as pessoas que ainda escrevem cartas ou mandam cartões em datas comemorativas. Boa parte passou a usar os serviços disponíveis na internet para deixar recados, enviar cartões virtuais, de voz, vídeos ou mensagens junto aos perfis nas redes sociais, ou para examinar sites, blogues, microblogues etc. Dentre essas mudanças de comportamento, está também a forma que algumas pessoas têm encontrado para vivenciar os seus processos de luto.

Tais formas estão associadas à inserção que essas pessoas têm na *cibercultura*, o que significa que o *processo de luto* manifesto no mundo virtual pode variar de geração a geração, de pessoa a pessoa, de situação a situação, de perda a perda. Essas inserções podem gerar atitudes que vão desde o uso do mundo virtual para a manifestação de algo que já se tornou interdito no grupo social em que a pessoa vive, até aquelas que têm nesse universo o locus privilegiado para a expressão de suas reações afetivas.

No entanto, não acreditamos que as manifestações do *processo de luto* encontradas no mundo virtual sejam apenas e simplesmente uma transferência das atividades cotidianas que agora são mediadas ou vividas na *cibercultura*. Não acreditamos nisso pela razão elementar de que, diferente de outras vivências, como fazer o supermercado, arranjar uma namorada, realizar uma transação bancária ou comercial, as vivências do *processo de luto* não estão sendo transferidas. Em muitos

casos, elas estão sendo redescobertas.

Redescobertas, principalmente, por uma parte da sociedade que teve essa habilidade interdita, deixada ao lado, pelo menos durante as últimas décadas, como preconizam Ariès (1981; 2003) e Ziegler (1977). Isso pode ser facilmente atestado por meio da observação das abordagens psicossociais sobre o luto, como fizeram Esslinger (2004) e Walsh; McGoldrick (1998). Pois, enquanto algumas ciências, especialmente a sociologia, antropologia, psicologia e medicina nunca deixaram de manifestar interesse pela pessoa enlutada e seu retorno às atividades cotidianas, não raras exceções, os avanços teóricos permaneceram longe do homem comum.

Não é raro encontrar adolescentes ou adultos que nunca foram a um funeral, que não sabem o que é uma nênia, epitáfio ou elegia, e menos ainda que tenham visto ou ouvido falar sobre esses elementos. Alguns sabem onde ficam os cemitérios, mas os conhecem apenas por fora. Muitos não saberiam distinguir um túmulo de um mausoléu. O que dizer e como se comportar durante um funeral soa como lições sinistras; cenas de filmes macabros, como a Família Adams.

Isso tudo nos leva a postular que a experiência de enlutamento não acompanhou o mesmo avanço das teorias: muitas vezes ao enlutado ficou proibido manifestar publicamente sua dor. Em função disso, muitos ritos e símbolos que sinalizavam para a morte e o luto foram sendo paulatinamente extintos: as vestimentas pretas retiradas de uso, os lamentos diminuídos e mal vistos, o tempo de reclusão do luto diminuído drasticamente e os rituais cada vez mais privados, rápidos e superficiais... Restaram poucos rituais – verdadeiros artigos de luxo – nos quais ainda se pode manter a simbologia da *perda* de uma pessoa amada: visita aos cemitérios, celebrações fúnebres, terapia e datas comemorativas são as que ainda persistem. Tais rituais, contudo, ao mesmo tempo que oportunizam ao enlutado passar pelo *processo de luto*, têm buscado mais o retorno do indivíduo à vida produtiva do que levá-lo a ressignificar publicamente a sua perda.

Nesse sentido, não há muito o que ser transferido para o mundo virtual das experiências cotidianas do enlutamento. Elas precisam ser redescobertas. Apreendidas a partir das novas habilidades que estão sendo construídas, cujo propósito foi objeto da pesquisa que deu origem a esse artigo. Trata-se de uma

abordagem dos aspectos contemporâneos da manifestação do *processo de luto* na *cibercultura* a partir da análise observacional de sites de relacionamentos e institucionais. Isso porque, compreende-se que o mundo virtual tem se tornado o lugar da demanda espontânea e privilegiada para a manifestação do *processo de luto*.

2 O LUTO VIRTUAL COMO FORMA CONTEMPORÂNEA DE ELABORAÇÃO DO LUTO

Com a urbanização, industrialização e os avanços da ciência, as pessoas vivem mais em famílias menores, cada vez mais sozinhas e distantes de seus entes queridos, seja por morarem longe ou pela falta de tempo. Nessas sociedades, a internet tem ocupado uma função social muito importante. Podemos falar com qualquer pessoa em qualquer lugar, pagar contas, fazer compras, monitorar os filhos na escola a qualquer momento, visitar museus, assistir a filmes e seriados favoritos, bastando ter acesso à internet. Assim, vários rituais sociais já podem ser feitos à distância, através do computador. Os rituais associados ao *processo de luto* não ficaram imunes a isso. Eles também são vivenciados, de diversos modos, no mundo virtual.

Interessa-nos, portanto e antes de tudo, saber o que vem a ser o *mundo virtual*, também conhecido como *universo virtual* e *ciberespaço*, bem como qual o tipo de cultura que é possível nesse universo, a *cibercultura*.

Segundo Lévy (1999), o termo *ciberespaço* foi cunhado, provavelmente, pela primeira vez em 1984, no romance *Neuromancer*, do escritor William Gibson e tem como significado ser um espaço não físico ou territorial, que se compõe de um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações circulam. Ou seja, o *ciberespaço* é uma dimensão da sociedade em rede, que marca o surgimento de um novo tipo de sociedade na qual, segundo Bergmann (2007), os indivíduos podem romper com as regras sociais e alterar seus valores e crenças.

O potencial do *ciberespaço*, portanto, estaria na capacidade de instaurar uma comunicação ágil, livre e social, de modo que seus usuários possam colocar seus problemas de forma coletiva, incentivando tomadas de decisão de ordem política, cultural e social. Na ótica de Bergmann (2007), o *ciberespaço* não veio para destruir as práticas sociais do mundo

físico, mas para se apresentar como um novo horizonte de expressão da sociedade.

Por essas razões, Lévy (1999) e Lemos e Cunha (2003), compreendem por *ciberespaço* tanto a infraestrutura material da comunicação digital, quanto o “[...] universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p.17). Ou seja, é a soma de todas as relações que são mantidas e constituem a teia de conexões entre pessoas e máquinas no mundo digital, como fazer compras, pagar contas, conversar com amigos e familiares, deixar recados, e tantas outras formas de interação, bem como o que lhes dá suporte, como *software* ou *hardware*. A cultura que é desenvolvida nesse espaço é chamada de *cibercultura*.

Cibercultura é, nas palavras de Lévy (1999, p.17) o “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Nessa mesma linha de raciocínio, Lemos e Cunha (2003, p.12) são enfáticos:

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar mas o nosso presente (home banking, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporâneas sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna.

Em consonância com Lévy (1999) e Lemos e Cunha (2003), Cunha Filho (2009, p.2) postula que o *ciberespaço* se faz a partir de redes telemáticas interligadas e da criação de um novo campo de *trocas simbólicas*, em quatro níveis distintos, não excludentes, a saber:

- a) *cristalizações indivíduo-indivíduo* (como as comunicações via e-mail);
- b) *cristalizações indivíduo-grupo* (como as comunicações por chats);
- c) *cristalizações indivíduo-máquina* (como as comunicações por interfaces gráficas e lógicas) e,
- d) *cristalizações máquina-máquina* (como as comunicações por inteligência artificial e transações bancárias).

Essas dimensões geram inúmeras possibilidades da organização de *trocas* na sociedade contemporânea, que, como atesta Cardoso (1998, p.116), impõem novas socializações, estilos de vida e organização social:

“[...] estamos na presença de uma nova noção de espaço, em que o físico e o virtual se influenciam um ao

outro, lançando as bases para a emergência de novas formas de socialização, novos estilos de vida e novas formas de organização social”.

Para Silvestre e Aguilera (2008), essa nova socialização ocorre porque a internet é uma expansão do espaço *offline* – ou mundo físico –, e questões referentes à vida e morte migraram para o mundo *online* – mundo virtual – em busca de ressignificações e de novas maneiras de expressão, em um mundo de constantes transformações. Temos, por exemplo, no tocante aos *processos de luto*, rituais mortuários do mundo *offline* tentando se ajustar no mundo *online*, como citam Silvestre e Aguilera (2008):

Fayejin, como era conhecida no popular jogo *multiplayer World of Warcraft*, faleceu em 28 de Fevereiro de 2007. Os membros de sua guilda (uma aliança de jogadores que cooperam no mundo virtual do jogo) promoveram, em sua memória, um velório virtual dentro do jogo: seus personagens se reuniram em um local específico no mundo virtual para despedir-se da jogadora, os vários avatares fantásticos em fila em um dos lugares favoritos da falecida no mundo virtual do jogo.

Percebemos-se, portanto, que a internet gerou transformações na sociedade contemporânea que se evidenciaram em vários campos, inclusive no *processo de luto* e enfrentamento de perdas, que agora manifestam-se também em blogues, sites de relacionamento e sites especializados. Segundo Leitão e Nicolaci da Costa (2001), a internet ocupa um lugar relevante nos tempos atuais, uma vez que exerce influência no modo como as pessoas se relacionam entre si e com o mundo. Isso interfere, portanto, em suas vidas cotidianas e em suas formas de expressão de experiências afetivas, como o luto.

Observamos dentre as formas de socialização *online* dos *processos de luto*, manifestações como relatos e depoimentos de experiências associadas à *perda* em função de morte, exposições sensacionalistas de mortes, inclusive da sua própria, tanto a *morte virtual* quanto a *física*. A *morte virtual* pode ser a morte de um *avatar* – [o caso de *Fayejin*] quando o internauta retira seu *avatar* da rede ou esse *avatar* morre em algum *game*; de um *perfil* – quando o internauta retira seu *perfil* de uma rede; ou de um *nickname* – quando o internauta deixa de frequentar as salas de bate papo (chats) que costumava frequentar, fazendo seu *nickname* desaparecer ou aparecer com outra pessoa. A *morte física* é quando algum internauta decide expor em vídeo ou texto a sua própria morte, seja em decorrência de suicídio ou adoecimento.

Castro (2008) apresenta, em seu blogue, um depoimento que expõe com bastante

clareza o significado do processo de mudanças que, na nossa concepção, deu origem ao *luto virtual*:

A Internet fez muitas promessas de mudança: mudar o modo como fazemos compras, procuramos empregos ou até mesmo lemos jornal. Quem diria que uma das coisas que a Internet mudaria seria o modo como velamos nossos entes queridos, uma das mais consolidadas tradições humanas. Em algum futuro dois de novembro, quem sabe, bastará uma peregrinação por meia dúzia de blogs para estarmos em dia com nossos mortos

Não é preciso viajar ao futuro para encontrar os cemitérios virtuais aos quais o blogueiro se referiu. Eles já são uma realidade. São os chamados *sites de obituários*, que, tais como os sites de nascimento, prestam serviços a celebridades e a pessoas comuns para registrar a memória dos mortos, o que demonstra a importância da investigação sobre o *luto virtual*. Mas, o que vem a ser precisamente o *luto virtual*?

2.1 Definição de luto virtual

A categoria *luto virtual* já existe. Apareceu pela primeira vez, provavelmente, na edição de 02 de agosto de 1999, do *Newsweek*, por ocasião de um artigo escrito por Cose Ellis, chamado *The Trouble With Virtual Grief: The pain that so many people feel for JFK Jr. should not be confused with the actual suffering of family and friends*. Nesse texto, Ellis mostra que a internet estava se tornando um espaço privilegiado para que anônimos e pessoas distantes pudessem partilhar de um mesmo *processo de luto*: o luto pelos vultos pátrios ou heroicos.

Esse tipo de *luto*, que, na aceção do autor, não podia ser usado para mensurar o luto real existente, ganhava significado à medida que se tornava mais democrático e trazia de volta manifestações públicas e coletivas de rituais que vinham sendo interditas na sociedade. Nesse sentido, o *luto virtual*, aparece, primeiramente, como a manifestação coletiva de um sentimento de orfandade de uma nação.

Outros sentidos foram se somando ao uso do termo. Primeiro, uma ampliação da manifestação coletiva do *luto* para além da indignação política ou sentimento de orfandade, como os sentimentos de justiça e indignação. A *catarse* coletiva, no entanto, nunca deixou de ser a principal orientação dessas manifestações, como aparece nos casos de comoções em prol da morte de inocentes. Contudo, a *catarse* tem se tornado cada vez mais privada e as pessoas passaram a usar o *ciberespaço*

como o *locus* privilegiado para a manifestação de suas emoções, como ocorre em sites de relacionamentos, por meio de *spans* ou sites especializados. Nesses casos, é bastante comum o enlutado assumir-se virtualmente e anexar a seu *perfil* ou *avatar* algo que o identifique como enlutado.

O *luto virtual* também significa a expressão de sentimentos associados a situações vividas no *ciberespaço*, embora também possa se manifestar em outras situações cotidianas. Um exemplo de *luto virtual* associado ao *ciberespaço* é aquele decorrente da morte de um *avatar*, ou simplesmente, ao seu desaparecimento. É o caso que ocorre quando alguém passa muito tempo sem entrar nos sites que costuma frequentar e sua identidade virtual – *avatar* – é dada como inativa, o que pode gerar preocupações por parte dos outros internautas que estão acostumados a interagir com ele. Como esses internautas vivenciam a *perda* dos *laços afetivos* que tinham sido criados com aquele *avatar*, essa emoção pode ser identificada como *luto*, restrita ou não ao *ciberespaço*.

Contudo, do mesmo modo que existiram (ou ainda existem) *carpideiras* na vida real, que choravam os mortos dos outros, existem pessoas que fingem estar de luto por outras razões, inclusive sob orientação de empresários ou agentes publicitários com o intuito de polemizar ou realçar algumas qualidades do falecido. E, além desses, há também aqueles que vandalizam a memória dos mortos, como os que entram em comunidades para enlutados ou em perfis de falecidos com intenções diferentes da elaboração da dor. Alguns têm o claro intuito de denegrir e ofender a imagem do falecido, outros, a intenção de banalizar o luto, de proselitismo religioso, ou mesmo, o intuito de chocar.

2.2 Exemplos de manifestações do luto virtual

O luto virtual é bastante comum nos sites de relacionamentos. Em um desses, com bastante popularidade no Brasil, o *Orkut*, essa discussão está bem acesa. No seu termo de uso, o site não especifica se elimina o cadastro de um falecido, caso seus familiares façam esse pedido, o que atiza ainda mais a polêmica entre os internautas, em um paradoxo. A questão é: porque as pessoas iriam escolher alguém a quem confiar sua senha para deletar seu *perfil* quando morrerem se não têm o hábito de falar sobre a sua própria morte?

As comunidades mais populares expressam, em primeiro lugar, a seguinte questão: *E meu Orkut quando eu morrer?*, com quase 30 mil membros, ao lado de *E o meu Orkut quando eu morrer*, com pouco mais de 6.000, entre outras que se repetem como exemplos de comunidades que nos mostram como os internautas fazem esse debate abertamente.

Como as regras do site não impedem a sobreposição de comunidades, o número de usuários que participam de várias comunidades afins pode se tornar algo difícil de ser mensurado. Outra observação diz respeito ao *perfil* dos integrantes dessas comunidades. Muitos escolhem participar de uma comunidade por razões totalmente alheias ao que nela se discute, como ter recebido um convite de alguém de sua rede, ter simpatia pelo tópico, estar seguindo alguém que participa da comunidade.

Há também comunidades que defendem a ideia de que o *perfil* deva permanecer mesmo após a morte do internauta, como a intitulada *Se eu morrer, meu Orkut fica*, ao lado de outras como *Se eu morrer não deletem meu orkut*, ambas com pouco mais de mil membros. Ao lado de várias outras semelhantes, mas sempre com números insignificantes, a soma dos perfis dessas comunidades, excluídos os repetidos, não totalizava cinco mil membros em 17 de setembro de 2009. O contrário, *Se eu morrer, apaguem o meu Orkut*, e semelhantes, parece ter a preferência dos internautas muito maior do que deixar o perfil no ar. Há várias comunidades com esse tema, chegando a 10 mil membros, aproximadamente, nessa mesma data.

Apesar da possibilidade de encontrarmos comunidades dedicadas à memória de alguém em qualquer site de relacionamentos, ou ainda, um internauta fazer circular seu *perfil* com algum signo que represente *luto*, existem sites especializados no culto à memória dos mortos. Esses sites podem ser agrupados em várias categorias, entre as quais destacamos: sites de obituários, cemitérios virtuais, blogs de pessoas mortas.

Na categoria sites de obituários, podemos incluir sites como o *Legacy*, que publica há oito anos, cerca de 2,4 milhões de notas de falecimento ou obituários por ano, com acesso mensal médio de seis milhões e faturamento de US\$ 5,9 milhões por ano. Outro é o *MyDeathSpace.com*, que noticia somente as mortes de internautas do *MySpace*, cerca de 25 por dia.

Na categoria cemitérios virtuais, observamos uma subdivisão. Distinguem-se cemitérios virtuais para seres humanos de cemitérios virtuais para *pets*. Para seres humanos, há sites como o Le Cimetiere, no qual é possível criar o perfil de um falecido (uma cova virtual) que permite a adição de fotos, mensagens e flores virtuais, além de enviar SMS comunicando o falecimento de alguém (esse último serviço é o único que é pago). A mesma política é seguida por sites como o Gone too Soon e o Campa Virtual. Nesse último, o formato do site permite que à cova virtual seja associado um lugar geográfico específico do mapa de Portugal, que pode ser o lugar físico no qual o falecido esteja de fato enterrado, ou o lugar no qual ele nasceu, estudou. Já cemitérios virtuais para *pets* são exemplificados por sites como o Projeto Pró-animal, no qual o dono cria uma cova virtual para o seu *pet* e pode depositar flores virtuais que precisam ser renovadas mensalmente, ao custo de R\$ 10,00 cada depósito.

Na categoria blogues de pessoas mortas, devemos repetir também o Campa Virtual ao lado de outros como o Slightly Morbid por adotarem a política de comunicação direta do falecido com os vivos, enlutados ou não. Nesse último, é possível criar uma conta que inclui o nome e e-mail daquelas pessoas que o usuário deseja comunicar quando morrer. A inclusão do Campa Virtual nessa categoria, deve-se à política de estruturação da página (que pode ser aberta ao público ou somente a familiares) para postarem comentários (homenagens), fotos, vídeos, ilustrações animadas e fundo musical. E, como todo blogue, o site traz modelos disponíveis para a escolha dos usuários.

Nos casos de comoção nacional ou diante de tragédias nas quais há manifestação coletiva do *luto*, esses sites, comunidades ou *perfis* se multiplicam. Um exemplo disso foi a comoção que se mostrou frente ao acidente aéreo envolvendo o Boeing 737-800 da Gol, quando o *Orkut* serviu de memorial para as vítimas. Logo após as autoridades confirmarem a inexistência de sobreviventes, os *perfis* de algumas das 155 vítimas ficaram lotados com mensagens de apoio, elegias, orações e panegíricos escritos por internautas, independente de pertencerem à rede de amigos dos falecidos. Alguns desses *perfis* ultrapassaram, em poucos dias, mil *scraps*.

Entre os fatores que podem impulsionar o *luto virtual* estão o fato de a relação virtual

poder ser mediada pelo anonimato, facultando às pessoas escreverem em *scraps* o que nunca diriam pessoalmente, a facilidade de acessar diretamente a página de alguém (como se entrasse em contato direto com essa pessoa) sem o desconforto de enfrentar trânsito, estacionamento, horários, ter que estar na presença do enlutado expressando sua dor, além do hábito de usarmos o computador para resolver a maioria dos nossos problemas, inclusive os afetivos.

A pessoalidade é outro fator importante para esse reforçamento. Para Silvestre e Aguilera (2008), os recados deixados nos perfis de pessoas falecidas em geral dirigem-se diretamente à pessoa, como se ela ainda estivesse viva. Aqui são contadas novidades e trivialidades no dia a dia. Quanto ao que ocorre com o perfil do falecido, em muitos casos ele continua a ser editado até mesmo em primeira pessoa, como se o próprio falecido estivesse atualizando do *além*.

Há também visitas a *perfis* de falecidos ou enlutados que não são motivadas pela *elaboração do luto*, e sim, para saciar a curiosidade. Há diversas comunidades que reúnem links das páginas de pessoas mortas com detalhes da sua morte. Algumas chegam a incentivar que sejam deixadas mensagens desagradáveis relacionadas à difamação dos mortos.

Em virtude disso, algumas questões morais merecem destaque nesse universo, especialmente quando amantes, ex-funcionários descontentes, familiares deserdados ou bastardos, etc, costumam lançar mensagens ofensivas contra o falecido. Essas mensagens, ao serem publicadas no *perfil* do morto, tornam-se públicas e, em não havendo quem tenha a senha de acesso, não poderão ser facilmente apagadas. Para serem deletadas pelo próprio site dependem da análise de mediadores, chamados de *screeners*, que investigam a procedência da denúncia e tomam as decisões necessárias. Esse processo pode levar tempo e deixar o falecido e seus familiares expostos aos milhares de *scraps* que podem ser adicionados em poucos minutos.

Essas questões são mais preocupantes em sites como o Legacy, devido a seu caráter comercial, o que se soma, naturalmente, ao jurídico, haja visto que as difamações postadas no site podem ser tipificadas como danos morais ao consumidor. Ele é mantido por mais de 300 jornais que pagam para que sejam publicadas as suas notas de falecimento e obituário. Aqueles que podem, pagam a mais para

que o livro de visita permaneça mais tempo no ar, o que revela certa diferenciação econômica e preocupação com a popularidade do falecido. Justamente por isso, o Legacy, contrário a muitos sites, faz um burilamento das mensagens: os *screeners* leem todas as mensagens antes de postá-las.

Todo esse cuidado é para assegurar que não sejam publicadas ofensas ou difamações, além de manter a qualidade do site. Mesmo assim, há casos em que ofensas ou difamações mais sutis só são percebidas tardiamente. Por exemplo, a mensagem enviada por um amigo dizia que se conheceram em uma reunião dos Alcoólicos Anônimos, e a família ainda não sabia que o falecido tivera esse tipo de problema. Em outra, houve referência ao suicídio do falecido e os filhos ainda não sabiam que essa fora a forma da morte do pai. Desse modo, mesmo com todo o controle dos screeners, a ofensa aos mortos não está de todo descartada, como também ainda há a possibilidade de revelações e relações não conhecidas até então.

2.3 Polêmicas em torno da adesão ao luto virtual

Nem todo internauta que tem perfil em sites de relacionamentos concorda com o depoimento apresentado por Castro (2008); o de que a forma virtual é uma opção nova e saudável para *elaboração do processo de luto*. Essa manifestação pode parecer, no mínimo, estranha. Embora saibam que o morto não será incomodado com os comentários postados, os sobreviventes, esses sim, podem se sentir incomodados. Afinal, o *processo de luto* é para esses. Uma usuária de nome Camila dá o seguinte depoimento:

Não consigo evitar o estranhamento. Fico me perguntando como se sentem essas pessoas que deixaram um recadinho lá. Será que acham natural. Será que só eu acho estranho. A única certeza que tenho é esta: quando alguma pessoa que me for muito próxima morrer, tentarei fazer o possível para tirar do ar seus perfis em comunidades virtuais. Quando eu morrer, sei lá, que façam com meu perfil no Facebook o que acharem melhor – não vou estar aqui mesmo para saber. Mas, com amigo meu, não quero. Não gostaria. Lutaria muito contra. [...] Minha concepção de “descansar em paz” deve ser bem diferente da concepção dos que comentaram em seu Facebook. (CASTRO, 2008)

Nota-se nesse depoimento, o como os interditos da morte ainda estão presentes e são fortes, mesmo em um universo que tem como uma de suas características a liberdade de expressão. Em contrário ao depoimento

da Camila, Castro julga que as manifestações no mundo virtual não são tão diferentes dos rituais que praticamos em torno da morte, como o deixar uma flor sobre um túmulo:

Acho que é um novo fenômeno na maneira como as pessoas trabalham o luto. Não me espanta o seu incômodo, a morte é sempre incômoda, mas queria que você tentasse desenvolver o motivo. Exatamente em que deixar um recado num perfil do Facebook/Orkut ou comentário no blog de uma pessoa que morreu é diferente de, por exemplo, deixar uma flor no seu túmulo? Não são ambas maneiras de as pessoas que conheceram a falecida de se lembrar dela, de prestar uma pequena homenagem, de trabalhar o luto, enfim? O que existe de intrinsecamente ruim, nocivo, etc, nesse hábito? (CASTRO, 2008)

No desenvolver de sua argumentação, não mais contra o depoimento da Camila, e sim contra o de outra usuária, Aline, em uma conversa privada (via mensageiro instantâneo), ele se vale das analogias da vida cotidiana, em que o estranhamento de comprar um livro pela internet não esvazia o significado ritualístico de ir à livraria, folhear o livro e comprá-lo, para mostrar que o estranhamento com os velórios virtuais não faz sentido. Isso porque, a possibilidade de vivenciar os mesmos rituais de maneiras diferentes faz parte da sociedade contemporânea e talvez seja uma possibilidade da qual as pessoas não estejam mais dispostas a abrir mão. Essa nova possibilidade consegue, inclusive, criar laços e repetições de rituais que a vida cotidiana, no mundo real, não oferece mais:

Mas veja, deixar comentários no blog de alguém que morreu também é um ritual, não é? É todo um ritual. Você vai na página do orkut do seu amigo, revê as fotos dele, relê os scraps que você deixou para ele, relê os que ele deixou pra você, isso lhe faz lembrar de mil coisas que vocês viveram juntos, aí você lê os scraps que outros amigos em comum deixaram, e isso também lhe faz lembrar de várias coisas que vocês viveram juntos, e as manifestações de luto dos outros também lhe emocionam, também lhe fazem ver que a morte é real, que você não vai mais ver aquele amigo, isso também lhe leva a entrar em contato com amigos em comum que comentaram lá, e você vai no orkut deles e diz que foi lindo o que ele escreveu, e que você ainda lembra do dia que os três foram pra Guarapari, etc, e isso tudo é um ritual enorme, bem organizado, bem simbólico, e cada vez mais comum (Castro, 2008, com correções ortográficas feitas pelos autores).

Contra o argumento de que o *scrap* [recado] é uma comunicação indireta, alocucionária, pois não estabelece contato direto com o receptor, sem falar no fato de que muitas vezes é direcionado ao falecido, Castro argumenta que essa é a forma semântica da oração. Nela, o falante também se dirige a um receptor cuja certeza de audiência é duvidosa.

O fato é que, o uso da internet para a manifestação do *luto* tem mudado o modo como

as pessoas velam seus mortos e elaboram seu *processo de luto*. Ao mesmo tempo que não obedece aos rituais fúnebres tradicionais, centrando praticamente na individualidade do enlutado, acrescenta elementos que permitem uma durabilidade de tempo maior do que aquela que os rituais tradicionais da sociedade moderna disponibilizam.

Essa experiência não pode ser taxada negativamente como um desvio, mas deve ser vista como uma possibilidade a mais, ou às vezes, a única de que dispõe o enlutado. No depoimento de Castro fica clara a indignação contra a taxaço negativa ou a não aceitação dessa forma de elaboração do *processo de luto*, que para ele não passa de preconceito:

Eu tenho 15 anos, morre minha melhor amiga, eu vou no orkut dela (como eu tinha o habito de fazer TODO dia), eu vejo as fotos dela, eu penso nos nossos tempos juntas, eu choro e choro, e não resisto e acabo escrevendo mais um scrap, o último de tantos e tantos que já escrevi para ela e digo "tchau, amiga, fica bem"... ... e vem você e acha isso repugnante??? (Castro, 2008. com correções ortográficas feitas pelos autores).

É evidente que há usuários que são contra essa forma de pensar e vê nela algo repugnante ou aproveitador, como são as opiniões de Aline e Camila. Castro elabora uma resposta que serve tanto à repugnância da Aline quanto à proposta da Camila de apagar o *perfil* do falecido. Contra elas, argumentou:

E seu amigo morreu e você queria tirar ele do ar, apagar a vida dele, os comentários que deixaram pra ele, as fotos que ele botou no ar, tudo? Se eu morrer, você quer apagar o LLL também? Não basta eu ter morrido, você quer que tenha sido como se meus textos também nunca tivessem existido? Não basta meu corpo morrer, você quer apagar minha memória e meus vestígios? Poxa, não sei se quero que você seja minha amiga....

[...]

Aliás, uma pergunta levantada pela Viva: qual é a diferença entre ir no perfil no Orkut e escrever "puxa, saudades suas, Felipinho, fica em paz"; e colocar um daqueles anúncios fúnebres no jornal "Vovó Teinha, seus netos Julinho e Paulinha morrem de saudades etc"? Esse anúncio causa "estranhamento e repugnância"? Se o problema é o estranhamento de falar diretamente ao morto, então qual a diferença? Devemos apagar o perfil do Orkut e também proibir esses anúncios nos jornais? (Castro, 2008, com correções ortográficas feitas pelos autores).

Alguns teóricos entraram também nessa discussão. Silvestre e Aguilera (2008) sustentam que há paradoxos nessa forma de vivência de luto que podem atrapalhar o processo de elaboração. Por um lado, enquanto o mundo *offline* diz que a pessoa morreu e não vai mais voltar, o mundo *online* diz o contrário. Isso porque, mesmo com a morte física de uma pessoa, seu perfil (se não for excluído

por quem tiver a senha) continua vivo para a rede, que continua a enviá-lo recados e propagandas, ou indicar seu aniversário no perfil de outros usuários, ainda com recomendação de presentes. Por isso é difícil esquecer o objeto de desejo daqueles que sobrevivem.

No entanto, os aspectos apontados por Silvestre e Aguilera (2008) não são partilhados por Oliveira e Lopes (2008), para os quais, ao reviver lembranças felizes e manter a sensação de que a pessoa está perto, o luto pode ser abrandado. Podem ser utilizados os tributos ao falecido como uma forma de relacionamento com a sua memória, pois representam que este é merecedor da dor dos sobreviventes.

Na ótica de Peruzzo *et al* (2007), nos relatos dos sobreviventes, as lembranças de momentos passados com o falecido eram compartilhadas com outras pessoas. Nos relatos diretos ao falecido, são expressas lembranças de saudade e afeto, além de suposições de como a pessoa que partiu pode estar na vida além morte. Isso conforta a si mesmo, aos outros usuários, e até mesmo o falecido, que segundo muitos acreditam, pode ler as mensagens de onde estiver. Os recados deixados acabam estabelecendo uma comunicação mais concreta com os mortos, revelando, assim a crença dos usuários das redes de relacionamento em uma vida após a morte.

Peruzzo *et al* (2007) enumeram algumas hipóteses para a adesão ao *luto virtual*. A primeira relaciona-se com a exibição que o usuário faz para os outros internautas do quanto aquela pessoa falecida era importante e amiga, mostrando, assim, que seu sofrimento é justificado pelo laço de proximidade que existia entre a pessoa sobrevivente e a falecida. Outra hipótese diz respeito ao próprio *processo de luto*, em que a comunicação com a pessoa falecida mantém o vínculo que existia antes de ela morrer. A negação da morte também pode estar presente como uma forma de defesa da mente ao se aproveitar do recurso da imortalidade que a internet confere aos seus usuários. A falta de tempo também pode ser um fator.

Outra causa para que essas manifestações estejam ocorrendo no mundo *online* está relacionada ao próprio crescimento da internet, que como já foi dito, é ocupada cada vez mais por diversos setores da sociedade. A expressão do *luto* no mundo *virtual* acaba sendo uma alternativa, em uma sociedade como a ocidental, que prefere fingir que a morte não existe a discutir sobre ela abertamente. No *ciberespaço*

ço o anonimato protege a pessoa física, dando então, uma maior liberdade e coragem para manifestação de seu *luto*. Assim, a vivência do *processo de luto*, antes solitária, agora encontra no *ciberespaço* um novo *locus* para se manifestar. É um espaço sem as restrições do mundo *offline*, onde não há limites para a manifestação da dor, seja de que tipo for.

Em um sentido amplo, podemos dizer que, ao mesmo tempo que o *luto virtual* democratiza o acesso aos rituais, prolonga sua duração, cria novas estéticas fúnebres e aproxima virtualmente os enlutados, também permite que o contato físico se mantenha inexistente, comentários impertinentes apareçam, exclua as camadas sociais sem acesso à internet e, principalmente, não dirima as dúvidas sobre a sua eficiência para a *elaboração do processo de luto*. Contudo, longe de resolvida a questão, ela aparece como debate permanente na internet e fora dela.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da internet não é um evento unidirecional e homogêneo. Ao contrário, devido a fatores sociais, políticos e econômicos, como a associação entre acesso à rede mundial de computadores e concentração de renda, pauta-se por inúmeras contradições historicamente determinadas. Dentre essas, destacamos o fato de ser um evento social ao mesmo tempo excludente – porque cerca de 67% da população brasileira nunca teve acesso a um site – e em expansão – porque nos últimos anos vem aumentando o acesso das camadas CDE a esse universo (CETIC, 2009), especialmente com as políticas de inclusão digital e proliferação de *lan houses*.

Enquanto o uso da internet está em expansão muitas possibilidades permanecem em aberto, não só no tocante ao número de usuários como igualmente às possibilidades de *trocas* a serem realizadas nesse universo. Mas, por ser excludente – somente uma pequena parte da população tem acesso, especialmente o uso de banda larga – significa que essas *trocas* estão diretamente relacionadas ao *habitus* de determinada classe social. Com os rituais de *luto* não poderia ser diferente, o que significa que o *luto virtual* é um fenômeno típico da sociedade que mais interdito a vivência do *luto* como reconhecimento social: a sociedade burguesa moderna.

Em outras palavras, o *luto virtual* surge na contramão dos interditos da morte que chega-

ram a tratar o *luto* como doença, senão psíquica, pelo menos social, em função da extinção dos espaços tradicionais para a manifestação do *luto* (velório, sepultamento...). Ou seja, a utilização do *ciberespaço* como *locus* privilegiado para a manifestação e *elaboração do processo de luto* tem sido uma das saídas que a sociedade contemporânea tem encontrado para resolver algumas de suas questões associadas à *perda*. O *luto virtual* é o próprio produto do modo como essa sociedade costuma legitimar as expressões de emotividade em seu seio.

Isso é verdade, mas não resume o assunto. Pode-se ainda acrescentar que o *luto virtual* é, ele mesmo, um contraditório. Ao mesmo tempo que pode ser interpretado como um *habitus social contemporâneo* com o qual a manifestação do *luto* tem se tornado mais democrática e no ritmo de cada individualidade, pode ser também visto como uma ação descabida, sem o reconhecimento de limites que a convivência física impõe e, principalmente, sem tempo para terminar. E, quando essa última acontece, podemos ter não só um problema moral – o desrespeito aos mortos e enlutados – mas também uma questão de saúde mental – o indivíduo que não consegue elaborar o seu *processo de luto*. Pois, se as formas tradicionais de elaboração do *processo de luto* estão associadas à capacidade que o indivíduo tem para restabelecer a sua vida, a elaboração do *processo de luto* no *ciberespaço* não deveria fugir desse propósito. Não deveria fugir da elaboração do *processo de luto*, o que significa que as pessoas que estão por trás desses *avatars*, *perfis* ou *nicknames* também podem fazer uso abusivo do álcool e outras drogas, inclusive medicamentosas etc. Elas também podem precisar de ajuda.

Há consequências da possibilidade de elaboração do *processo de luto* sobre a saúde das pessoas, e o *luto virtual* não é uma exceção. Podemos encontrar enlutados manifestando os mais diferentes comportamentos, alguns muitos penosos, utilizando-se desses espaços para não enfrentar a convivência com a realidade física da morte e da dor de uma família enlutada, ou para manter a ideia de que o falecido continua vivo naquele universo. Na mesma direção, encontramos enlutados que, insatisfeitos com o falecido utilizam-se desse recurso para difundir ofensas e revelações que atentam contra certa imagem do falecido.

Em virtude disso, não só os *screeners* são vigilantes com esses comportamentos, mas

também enlutados e terapeutas que se utilizam desse universo e seus recursos para oferecer uma oportunidade a mais (e às vezes a única) para a *elaboração do processo de luto*. Nesses casos, o processo de ajuda pode-se dar em uma relação *indivíduo-indivíduo* – via e-mail, mensageiro instantâneo ou sites de relacionamentos – ou em uma relação *indivíduo-grupo* – como as que acontecem nas salas de bate-papo, nos chats (especialmente após catástrofes) ou em sites especializados. Em todos os casos, as experiências de luto virtual cobrem tanto a morte virtual quanto a física, tanto a experiência coletiva quanto individual da *perda* associada à morte.

O *luto virtual*, portanto, não é um luto *virtual* no sentido de irreal. Ele é bastante real. O *luto virtual* ao qual nos referimos, é tanto o luto *no* virtual (que emana do mundo físico – o mundo *offline* – para o mundo virtual – o mundo *online*) quanto o luto do virtual (que emana de situações do mundo virtual – mundo *online* – para o mundo físico – mundo *offline*). Em todos os casos, há uma pessoa real que sofre esse processo. Acreditamos, portanto, que uma boa razão para explicarmos a expansão do *luto virtual* é que, além de ser uma vertente típica da contemporaneidade, na qual o uso do *ciberespaço* para a manifestação do emocional é bastante comum, há significativa carência de outros espaços, graças aos interditos da morte.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, v.1.

_____. *História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BERGMANN, H.M.B. Ciberespaço e cibercultura: novos cenários para a sociedade, a escola e o ensino de geografia. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 43, p.1-6, 2007.

BOWLBY, J. *Perda, tristeza e depressão*. Apego e perda. São paulo: Martins Fontes, 2004. v.3.

CARDOSO, G. *Para uma sociologia do ciberespaço: comunidades virtuais em português*. Oeiras, Portugal: Celta, 1998.

CASTRO, A. Luto Virtual. Post Pós-Socrático (2008). Disponível em: <http://www.internet.net/blogs/III/2008/12/10/o_estranhamen-

[to_dos_velorios_virtuais_po/](http://www.internet.net/blogs/III/2008/12/10/o_estranhamen-to_dos_velorios_virtuais_po/)>. Acesso em: 14 set. 2009.

CETIC-BR. *TIC domicílio e usuários 2008* – Total Brasil. [Online]. Produzido por Cetic-Brasil. Disponível em: <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2008-total-brasil>>. Acesso em: 14 set. 2009.

CUNHA FILHO, P.C. *Cibercepção da morte: luto virtual e misticismo tecnológico*. Recife: UFPE, 2009.

ESSLINGER, I. *De quem é a vida, afinal?* São Paulo: São Camilo-Loyola-Casa do Psicólogo, 2004.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standart Brasileira. v.14. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GORER, G. *The Pornography of Death*. London: Cresset, 1955.

LEITÃO, C. F.; NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Psicologia clínica e informática: por que essa inusitada aproximação? *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro: 2001, v. 12, n. n2, p. 189-205.

LEMOS, A.; CUNHA, P. (orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

OLIVEIRA, J.B.A; LOPES, R.G.C. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. *Psicologia Estudos*. v.13, n.2, p.217-221, Jun 2008.

PERUZZO, A.S. et al. A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v.7, n.3, dez. 2007.

SILVESTRE, J.C; AGUILERA, V.N. Morte e Luto no Ciberespaço. 2008. Disponível em: <<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Nuricel%20Villalonga%20Aguilera%20e%20Jose%20Carlos%20Silvestre.pdf>>. Acesso em: 19 jan 2011.

WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed, 1998

WEISER, M. Ubiquitous computing. *IEEE Computer Hot Topics*, n.1, p.71-73, 1993.

ZIEGLER, J. *Os vivos e a morte: uma sociologia da morte no ocidente e na diáspora africana no Brasil, e seus mecanismos culturais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.